



CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DE CONHECIMENTO: O CASO DO PASSO DOS NEGROS

JOANNA MUNHOZ SEVAIO¹ LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – jmsevaio@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - louseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir traz breves reflexões sobre as diferentes formas de habitar o espaço urbano ditadas pela lógica capitalista. Para tanto, o ponto de partida foram as saídas de campo coletivas realizadas na região do Passo dos Negros, na cidade Pelotas – Rio Grande do Sul como proposta da disciplina de Antropologia em situações de conflito. Sob o ponto de vista das experiências de ensino, é importante ainda situar o desenvolvimento deste trabalho como fruto do cruzamento entre a bagagem teórica da autora e as discussões levantadas em sala de aula, nas quais elementos de dialogicidade estiveram presentes. Compreende-se, então, um modelo de educação marcada por práticas de ação-reflexão, e que estimula a capacidade questionadora dos discentes, em oposição ao que Freire (1987) chama de “educação bancária”.

Primeiramente, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre o percurso acadêmico da autora, ou sua *teoria vivida*, tal como compreende Peirano. No curso de Ciências Sociais do qual a autora do trabalho provém, as percepções antropológicas dos discentes são construídas por meio do estudo das escolas antropológicas, estando as investigações de cunho empírico e reflexivo, dessa maneira, em segundo plano. Ademais, observa-se um afastamento entre antropologia e sociologia. É preciso novamente recorrer a Peirano (2014), quando a autora fala sobre a formação das ciências sociais no Brasil. Ela destaca que Florestan Fernandes, o “sociólogo fundador”, na reunião da ABA de 1961, denunciou que a pesquisa de campo retardava o caminho da antropologia em direção ao desejável status científico, cabendo à sociologia a excelência acadêmica. Os tempos são outros, no entanto.

De acordo com Henri Lefebvre, o espaço urbano é produto social, uma vez que para o autor “*A luta de classes, hoje, mais do que nunca, se lê no espaço*”. (LEFEBVRE, 2013, p. 68). Por esse ângulo, pretende-se trazer o sociólogo para o contexto do Passo dos Negros, explorando a capacidade explicativa de algumas de suas proposições para a compreensão das dinâmicas vivenciadas na/da cidade. Outrossim, as proposições da também francesa Marion Segaud são bastante profícuas para transcender as fronteiras entre as ciências sociais e a arquitetura, pensando, assim, no que ela chama de *antropologia do espaço* (2016). Aqui, portanto, um dos objetivos é experimentar reflexões no sentido de expandir olhares e caminhos para a construção de conhecimento sobre o objeto, escapando da oposição teoria/empíria e também da rígida separação entre o fazer antropológico e o fazer sociológico.

As perguntas que movem este estudo partem, portanto, de um amplo leque interpretativo, considerando que “(...) etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação.” (PEIRANO, 2008, p. 4). Propõem-se, então, formas de entender as contradições inerentes ao capitalismo, e que se expressam nas vivências urbanas: afinal, de quem é a cidade?



Na célebre obra *O direito à cidade*, Lefebvre propõe uma distinção conceitual entre *habitat* e *habitar*. Para o autor, o primeiro reduz o ser humano à condição da sobrevivência, tendo como parâmetros as mais elementares atividades humanas, tais como comer, dormir e reproduzir. Já a noção de *habitar* tem um sentido mais amplo, em que a apropriação do espaço ganha contornos de experiências substantivas. Tendo como divisor um muro de proporções imponentes, foi possível identificar no contexto do Passo dos Negros as duas formas de viver/estar na cidade, o que evidencia as desigualdades engendradas na vigência do capitalismo e suas expressões na cidade. Segaud, por sua vez, fala da emergência de uma antropologia que trata dos arranjos do espaço na cidade contemporânea, tendo em vista um enfoque que se situa na articulação da arquitetura com as ciências sociais para pensar as diferentes formas de habitar.

Considera-se, portanto, que elementos de diálogo – ou de construção dialógica – são fundamentais para o desenvolvimento das reflexões que constituem este trabalho. De um lado, a relação estabelecida entre os alunos da disciplina supracitada e sua professora. Do outro lado, o diálogo entre diferentes campos de conhecimento presente nos apontamentos teóricos sobre o Passo dos Negros.

2. METODOLOGIA

Aproxima-se novamente de Peirano (2014) para tratar da metodologia através da qual foi pensado e desenvolvido este trabalho. Conforme a autora, as monografias – ou como nesse caso um exercício etnográfico - são *formulações teórico-etnográficas*.

Conforme supracitado, foram realizadas duas saídas de campo coletivas na região do Passo dos Negros, na cidade Pelotas – Rio Grande do Sul. Dessa maneira, foi possível a aproximação dos alunos da disciplina de Antropologia em situações de conflitos – com formações diversas - ao trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da Universidade Federal de Pelotas no local. Nas referidas ocasiões, os alunos/pesquisadores tiveram a liberdade de conduzir suas próprias observações, com base nas perspectivas que iam construindo. Seguindo tal lógica, foi pedida a escrita de dois breves diários de campo, a partir dos quais foram tecidas as reflexões que seguem. Dessa forma, as discussões travadas em sala de aula confrontaram-se com a experiência de campo.

Ainda é válido ressaltar a intencionalidade de trilhar os caminhos propostos por Peirano (2008), para a qual no fazer etnográfico, a teoria está em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados, e estabelecendo assim um diálogo íntimo com as observações do pesquisador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade surge como objeto de investigação para a sociologia e para a antropologia em meados do século XIX, destacando-se as seminais contribuições de Georg Simmel. A metrópole que urge nas observações de Simmel impõe um padrão de relação marcada pelo poder do dinheiro e do relógio, em que os números passam a regular as ações dos indivíduos. No entanto, é a partir de Lefebvre que o espaço habitado passa a ser entendido como construção social. A partir desse pressuposto, entende-se que incidem sobre ele relações de poder, tal como observou-se no Passo dos Negros.



Já na primeira saída de campo, foi possível observar um muro, cujo sentido explícito é demarcar dois modos bastante distintos de habitar e de vivenciar o espaço da cidade, e que, portanto, assume um recorte de classe. Na segunda ida ao Passo dos Negros, começamos pelo lado do Condomínio Lagos de São Gonçalo, inacessível, e depois percorremos a pé o mesmo caminho feito antigamente pelos tropeiros. O suntuoso muro estava sempre presente no horizonte dos alunos/pesquisadores. A partir disso, a observação aproxima-se do que Segaud (2016) fala sobre a conjunção dos projetos arquitetônicos com o pensamento dominante da sociedade em que são produzidos, assim “(...) as ciências sociais tentaram desencravar a arquitetura – classicamente pensada como arte – e utilizá-la para explicar a sociedade em que é produzida.” (SEGAUD, 2016, p. 42)

Conforme os elementos das impressões de campo abaixo reproduzidas, pode-se trazer as categorias analíticas lefebvrianas ao contexto do Passo dos Negros:

As casas são compostas por uma diversidade de cores e materiais, assim expressando que no modo de habitar dos sujeitos dali vale mais a conveniência e a utilidade do que a estética. O barro, o lixo e as poças d'água são componentes rotineiros do cenário visualizado

De um lado do muro, vê-se de longe o concreto, o controle, a higiene arquitetônica e a precisão estética. Do lado onde estamos, vê-se a madeira, a ferrugem, o plástico, vidros, pneus, a fluidez da ocorrência dos processos da natureza, a necessidade sobrepondo-se à estética.

Os sujeitos cuja experiência urbana circunscreve-se na relação casa-utilidade, ou na dimensão do *habitat* são coagidos “(...) a encerrar-se em caixas, gaiolas, ou “máquinas de habitar”” (LEFEBVRE, 2013, p. 81). Como indica o autor, o habitat é ainda uma “soma de coações”. Mais especificamente no caso do Passo dos Negros, é possível salientar a força dos grandes empreendimentos imobiliários frente aos antigos moradores do local. Assim, observou-se que “Nas vivências organizadas pela égide do mercado, as narrativas de ocupação do espaço urbano têm pesos diferentes.” (Impressões de campo da autora)

No plano do *habitar*, no entanto, estão as experiências citadinas lotadas de direitos, seja o direito de ocupação dos próprios espaços da cidade, ou de um cotidiano permeado por relações que vão além das utilitárias. *Habitar* a cidade é, portanto, estabelecer conexões e práticas ligadas ao prazer, ao lúdico e ao artístico. É algo restrito a poucos sujeitos, que se fecham em suas apropriações do espaço, delimitando a oposição nós x eles, tal como observado no Condomínio Lagos de São Gonçalo.

Voltando a algumas das impressões de campo, temos que “Os condomínios e os outros casarões que visualizamos são o manifesto da força do capital na produção do espaço urbano, que segrega aqueles que têm direito a terem direito à cidade.” (Impressões de campo da autora). Assim, compreende-se que o muro exerce, além de tudo, violência simbólica nos sujeitos que vivem para além de seus limites. O espaço vivido, a saber, a forma como os usuários-habitantes-ocupantes vivenciam seus espaços é, nessa lógica, do que trata a antropologia do espaço de acordo com o proposto por Segaud (2016).

As chaves para responder à pergunta “Afim, de quem é a cidade?” encontram-se, segundo as perspectivas deste trabalho, na compreensão da lógica do capital, que molda, grosso modo, como as dinâmicas de direito à cidade tramitam no espaço social do urbano. Cabe ressaltar ainda que as reflexões acima expostas moldaram-se a partir da observação de relações concretas,



situadas fora do âmbito de abstrações teóricas. Como prática educativa libertadora, a construção de conhecimento articula-se com aquilo que é real e que está no mundo. Nas palavras do pedagogo Paulo Freire “O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmo. Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homem-mundo.” (FREIRE, 1987, p. 42)

4. CONCLUSÕES

Com base nas discussões e impressões de campo acima expostas, é possível afirmar, a título de conclusão, que o cenário do Passo dos Negros expressa, salvaguardando, por óbvio, suas peculiaridades, os mecanismos do capital em ação, em que a regulação do sistema capital x trabalho orienta também a formação dos espaços habitados.

Ademais, é necessário frisar que a experiência das saídas de campo ao Passo dos Negros foi fundamental para a formação da autora como cientista social, em que foi possível pensar a realidade social através de um leque mais amplo de óticas e vivências para além da sala de aula, colocando a teoria em ação, como instiga Peirano. Por fim, ganhou relevo a dimensão coletiva e dialógica das práticas desenvolvidas ao longo da disciplina de Antropologia em situações de conflito, o que corrobora com a ideia de que é possível pensar em formatos que se contrapõem ao modelo tradicional de aulas ainda recorrente nas Universidades brasileiras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, David. **As cidades rebeldes de David Harvey**, 2012. Disponível em: <www.outraspalavras.net/2012/07/13/as-cidades-rebeldes-de-david-harvey>
Acesso em: 11 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes. 1991

_____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

_____. A antropologia como ciência social no Brasil. **Etnográfica**, Portugal, v. IV (2), p. 219-23, 2000.

_____. A teoria vivida - Reflexões sobre a orientação em Antropologia. **ILHA**, Florianópolis, v.6, n.1 e n.2, p. 209-218, julho de 2004.

_____. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 2, p. 1-11, 2008.
SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: Habitar, Fundar, Distribuir, Transformar**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016.